



José Gabriel Ávila*

Um mar de memórias com futuro

“Diariamente, continuam a chegar emigrantes da América do Norte. Com eles vêm filhos e netos seduzidos pelo amor ao cantinho dos avós.”

As apetitosas águas do Poceirão da Manhêna, cuja dimensão é mais ampla que a reduzida área da poça de banhos, atraem quem passa pela “vilota das cem adegas” a caminho do restaurante da localidade ou do Farol da Ponta da Ilha.

De manhã são sobretudo franceses e visitantes naturais e migrantes quem ali se reabilitam das maleitas corporais e dos calores do meio-dia, mas o local é um imenso lago de memórias de tempos antigos que vêm à tona, basta que alguém puxe a meada das estórias que motivam a vida de cada um.

O outro dia, o Manuel da Grota, simpático emigrante residente na Califórnia, contou a sua passagem por Timor, quando o exército português procurava neutralizar a luta armada dos povos das colónias.

“Gostei muito de lá estar. Fui para lá de castigo, mas gostei. A culpa foi minha, porque podia ter continuado em França.”

Manuel contou a sua estória em poucas palavras.

“Ainda rapaz, decidi embarcar para França. Na Piedade a vida era muito difícil. Não se ganhava quase nada e ou eu emigrava, ou não tinha futuro. Juntamente com outros rapazes da minha idade, procurámos saber, em segredo, que voltas tínhamos que dar para lá chegar: como passar a fronteira, entrar em Espanha, chegar ao destino e arranjar trabalho. Sim, porque não ia passear. Emigrava para fazer qualquer trabalho e ganhar muito dinheiro. E ganhei! Rapaz novo ainda, o dia não tinha horas e os patrões pagavam bem as horas extras.

Um dia, fui à cidade de Estrasburgo que ficava próxima do lugar onde vivia, ao consulado português, ver se pagava a taxa militar para me livrar da tropa. E foi a única vez que fui maltratado naquele país. Dois portugueses chamaram-me nomes por ter fugido à guerra. Aquilo fez-me pensar e decidi regressar a Portugal. Estive lá dois anos. Foi a maior asneira que fiz na minha vida. A França é um grande país e trata muito bem os trabalhadores.” - acrescentou Manuel.

“Cheguei a Portugal e entreguei-me às Forças Armadas, mas por ter sido refratário, mandaram-me por castigo para Timor. Foi o que me valeu. Passei uma tropa em beleza. A minha companhia não teve complicações. Gostei muito de Timor e conheci gente daqui que tinha sido enviada para lá por criticar o governo.

Voltei e passados uns meses, recebi carta de chamada de um irmão meu e embarquei para a Califórnia. Até hoje.”

O relato de Manuel foi tão genuíno, tão escorreito que ninguém o interrompeu. Quem o rodeava, continuou a nadar nas aprazíveis águas do Poceirão, onde, normalmente, se cruzam estórias de vida de quem ficou e de quem partiu.

Na verdade, aquela podia ser a estória de vida de tantos jovens que deixaram sua terra para fugir aos malefícios da guerra injusta e fratricida e para buscar um futuro promissor.

A geração desses corajosos mancebos que tomaram o destino em suas mãos e decidiram seguir outros rumos, com o rodar dos anos, vai rareando.

Nos últimos anos, alguns voltaram, reconstruíram habitações de família ou edificaram novas, com estilos arquitetónicos característicos das terras onde vivem.

Foi assim também no continente. Nas zonas rurais, as novas casas, propriedade de emigrantes, revelam a arquitetura dos países do centro da Europa, onde os portugueses fizeram a sua segunda pátria.

Este é o aspeto mais revelador da ligação dos picoenses aos Estados Unidos e Canadá.

A sua cultura, porém, não se deixou influenciar por outros modelos culturais e sociais. Eles mantêm a prática religiosa tradicional, as diversões antigas das folgas e das chamarritas, os convívios e refeições em momentos festivos e uma tão profunda ligação à terra, que só não per-

manecem mais tempo aqui porque filhos e netos os chamam ou porque não confiam nos serviços de saúde.

Diariamente, continuam a chegar emigrantes da América do Norte. Com eles vêm filhos e netos seduzidos pelo amor ao cantinho dos avós. Estão poucos dias porque ou o trabalho os chama ou eles estranham o viver pacato e bucólico desta ilha Montanha.

Ao contrário, por aqui, nota-se cada vez mais a presença de jovens europeus caminhando a pé por caminhos e trilhos antigos, bem recuperados. Muitos sobem a montanha e incluem nos seus programas de férias a observação de baleias e golfinhos que, dizem os entendidos, fazem dos mares do sul da ilha do Pico o seu santuário.

Há dias, um grupo apreciável de escuteiros lobitos que participaram no VIII Acampamento Regional de Alcateias (ACARAL) que se realizou nesta ilha, tiveram uma experiência única. Foi-lhes proporcionada uma viagem em botes baleeiros pela baía das Lajes, com todas as condições de segurança.

A experiência podia constituir um complemento ao “whale watching”, uma ocupação dos jovens em férias, e um memorial à atividade baleeira, preservada no Museu dos Baleeiros. Há, todavia, imposições legais que proibem os Clubes navais do uso das canoas baleeiras para esse fim e só permitem regatas a remos e à vela.

É importante rever a legislação para permitir às instituições outras atividades turísticas que ofereçam aos visitantes mais alternativas

Parar é morrer. Na oferta turística temos de ser criativos e de não impedir que se abram novas ofertas num destino onde o mar é um campo aberto a novos horizontes.



Porto da Calheta de Nesquim